

Tayane Aidar Abib
Universidade Estadual
Paulista - Unesp
E-mail:
tayaneaabib@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Noticiabilidade do Desacontecimento na imprensa contemporânea: mapeamento da cobertura de fatos não- marcados nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo

*Newsworthness of Unhappenings as
news in the São Paulo press: exploratory
research of not marked facts in the
newspapers O Estado de S. Paulo e Folha
de S. Paulo*

*Noticiabilidad del desacontecimiento en
la prensa contemporánea: mapeo de la
cobertura de los hechos no marcados en
los periódicos O Estado de S. Paulo e
Folha de S. Paulo*

RESUMO

Este artigo investiga, por método exploratório, a noticiabilidade do desacontecimento na imprensa contemporânea, a saber: a cobertura de fatos não-marcados pelos tradicionais critérios noticiosos nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, no período de 2015 a 2020. Interessa mapear a presença de tal matriz nos veículos hegemônicos paulistas, a partir de uma análise textual orientada pelos parâmetros definidores do desacontecimento, de modo a refletir sobre as lacunas e potencialidades de sua manifestação nas editoriais informativas. Evidencia-se, por visualização de dados, o destaque dos cadernos Metrópole/Cotidiano, Aliás e Internacional/Mundo na abordagem sobre a cotidianidade de resistências de sujeitos ordinários, e pondera-se sobre o aproveitamento subestimado do escopo na narrativa de assuntos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Desacontecimento; Noticiabilidade; Cotidiano; Imprensa paulista.*

ABSTRACT

This article investigates, through an exploratory method, the newsworthiness of the happenings in the contemporary press, namely: the coverage of facts not marked by traditional news criteria in the newspapers *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S. Paulo*, in the period from 2015 to 2020. This study aims to map the presence of such a matrix in the hegemonic vehicles of São Paulo, based on a textual analysis guided by the defining parameters of the unhappenings, in order to reflect on the gaps and potentialities of its manifestation in informative editorials. Data visualization highlights the protagonism of the Metrópole/Cotidiano, Alias and Internacional/Mundo sections in the approach to the everyday resistance of ordinary subjects, and ponders over the underrated use of the scope in the narrative of cultural subjects.

KEYWORDS: *Unhappenings; Noticiability; Daily life; São Paulo press.*

RESUMEN

Este artículo investiga, a través de un método exploratorio, la noticiabilidad del desacontecimiento en la prensa contemporánea, a saber: la cobertura de hechos no marcados por criterios informativos tradicionales en los diarios “O Estado de S. Paulo” y “Folha de S. Paulo”, en el período de 2015 a 2020. Este estudio busca mapear la presencia de tal matriz en los vehículos hegemónicos de São Paulo, a partir de un análisis textual pautado por los parámetros definitorios del desacontecimiento, para reflexionar sobre los vacíos y las potencialidades de su manifestación en editoriales informativas. La visualización de datos destaca el protagonismo de las secciones Metrópole/Cotidiano, Alias e Internacional/Mundo en el abordaje de la resistencia cotidiana de los sujetos ordinarios, y reflexiona sobre el uso subestimado del escopo en la narrativa de los asuntos culturales.

PALABRAS CLAVE: *Desacontecimiento; Noticiabilidad; Cotidianidad; Prensa paulista.*

Submetido em 16 de junho de 2023

Aceito em 07 de agosto de 2023

Introdução

Considerando-se o escopo de estudos¹ acerca do Desacontecimento jornalístico, este artigo propõe investigar, em linhas gerais, a articulação de tal matriz provocativa à cobertura noticiosa contemporânea. Enquanto noção que desestabiliza a semântica convencional do *newsmaking*, centrada no relato de fatos marcados pelos critérios de desvio e proeminência social, o Desacontecimento engendra uma dinâmica produtiva divergente, orientada à dimensão da cotidianidade dos sujeitos ordinários, à captura informativa por apuração dialógica e à redação que se assume em mediação autoral. Em pesquisas anteriores, o foco do interesse reflexivo esteve na fundamentação teórica dessa estratégia de narração, a partir do estudo de caso de jornalistas que, em contextos midiáticos tradicionais, conseguiram empreender pautas destoantes à noticiabilidade hegemônica, a saber: a repórter brasileira Eliane Brum e o repórter catalão Bru Rovira.

Com interesse em escrutinar a manifestação do Desacontecimento nas coberturas informativas realizadas pela imprensa atual, para além de uma ou outra figura de referência, esta pesquisa desenvolve um estudo exploratório junto aos periódicos paulistas de maior circulação nacional na atualidade (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, IVC Brasil 2020), em delimitação temporal que abarca os anos de 2015 a 2020. Ainda que em queda, os jornais selecionados concentram, a nível de Brasil, uma média de 120 (cento e vinte) mil exemplares por dia, o que representa quase um terço da circulação de informativos. O meio impresso se coloca como escolha metodológica, aqui, especialmente em razão de sua tradição² no que se refere à agenda noticiosa e à conservação dos valores de sua cultura profissional, tendo em conta a posição do desacontecimento em se inscrever como escopo discordante ao código de produção hegemônico. No que toca ao recorte temporal, a delimitação de um período de cinco anos corresponde ao

¹ Processos FAPESP: 2013/06037-3; 2013/21439-0; 2015/12073-8; 2016/13666-5; 2018/01541-9; 2018/23954-3. Processo CNPq PDJ: 150056/2022-2.

² Importa, também, recordar os estudos de Groth (2011) que inscrevem os valores essenciais da imprensa periódica na vida individual e social, enquanto criação cultural que, desde as regularidades e constâncias de sua mediação, manifestam as qualidades de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade.

interesse de investigar narrativas contemporâneas, pelo levantamento de um escopo capaz de fornecer material denso e robusto para as interpretativas.

O manejo junto ao *corpus*, que inclui 3.650 (três mil e seiscentas e cinquenta) edições de jornais consultadas nos acervos digitais, públicos e gratuitos de cada um dos veículos em questão, viabilizou-se por uma leitura de passagem de cada um dos exemplares, em busca do objeto foco, a fim de se constituir uma amostragem de conteúdo convergente à matriz do Desacontecimento nos parâmetros delineados por projetos anteriores. Em linha-síntese, dispõe-se a configuração processual do desacontecimento no quadro abaixo, a ser aprofundado teoricamente no próximo tópico deste artigo:

Quadro 1 – Dinâmica jornalística do Desacontecimento

<i>Newsmaking</i>	Desacontecimento	Linha-síntese
Centralidade noticiosa	Protagonismo humano em Cotidianidade	Espaço-tempo de resistências, íntimas e sociais, dos sujeitos ordinários
Captação informativa	Apuração dialógica	Relação repórter-fato-fonte em movimento dialógico de proximidade atenta e compreensão intersubjetiva
Tratamento redacional	Autoria narrativa	Assinatura criativa em mediação aberta ao trânsito narrativo por recursos de descrição e composição dialógica

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Busca-se, por estas vias, investigar o alcance do Desacontecimento enquanto estratégia pertinente às narrativas da contemporaneidade, a partir da identificação quantitativa de sua presença nas editorias informativas dos jornais levantados, e de uma análise qualitativa das potencialidades e lacunas do escopo percebidas nos diferentes cadernos noticiosos, em termos de abordagem e de temáticas de cobertura. Ao delimitar a noticiabilidade do Desacontecimento em jornais tradicionais da imprensa paulista, espera-se avançar nas discussões sobre recursos

narrativos possíveis à cena jornalística, especialmente atentos ao protagonismo do cotidiano e de atores sociais colocados à margem do interesse público e midiático.

1 Desacontecimento enquanto estratégia narrativa de fatos não-marcados

Em uma primeira aproximação teórica, é importante situar o lugar epistemológico da reflexão sobre o Desacontecimento. O termo aporta ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas Teorias do Jornalismo, em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para um processo divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos meios, em vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício de suas atividades.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização que, por um lado precisava de envergadura comercial para se afirmar como empresa lucrativa e, por outro, almejava assentar sua existência e credibilidade em compasso com valores democráticos. Neste plano de disputas, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa (Zelizer, 2000), no que toca à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo, para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, na esteira dos constrangimentos internos e externos³ de uma atividade institucionalizada, para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme Sodré (2009), envolve par metros jornalsticos de tratamento do “fato em bruto, ou das qualidades ainda indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpreta o em que implica a ‘notícia’”. (Sodré, 2009, p.71).

³ Autores como Shoemaker e Reese (1996) empreenderam tal discussão considerando cinco centros de influências: individuais, de rotinas profissionais, organizacionais, extraorganizacionais e do sistema social. Ainda em Silva, Silva e Fernandes (2014), encontra-se uma revisão de literatura aprofundada sobre o assunto.

A notícia se insere, desde aí, como uma construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o ocorrido se torna escopo-central a carregar a semântica do exercício de informar. Alsina (2005, p. 140) fornece algumas pistas nesta direção: “o ecossistema, ou melhor, suas normas, é fundamental para definir um fato como acontecimento” – quer seja, um fenômeno só se torna acontecimento quando um sujeito lhe aplica uma perspectiva específica. Aí também entra a acepção de Charaudeau (2009, p.05), para quem o acontecimento “depende de um olhar que o integra num sistema de pensamento e o torna inteligível”. O que se busca sublinhar, por essas alusões, é que o acontecimento jornalístico é o que ocorre depois dos fatos brutos, “quando se produz o trabalho logotécnico de apuração dos detalhes, realização de entrevistas [...]” (Sodré, 2009, p. 59). À emergência da ocorrência, portanto, inscreve-se uma etapa de construção de sentidos do qual o texto noticioso é a forma final de uma sequência de reconhecimento, tratamento e narração.

É por uma tal incursão que este estudo se alinha à posição de Sodré (2009, p. 75) de conceituar o acontecimento como fato-marcado, em que a noção de marcação é eleita precisamente para sublinhar que não é qualquer fato que desperta o sistema da informação pública. Antes, enquanto objeto de racionalizações desde que desponta no tecido social, o fato necessita ser semioticamente marcado por um código de produção. Para Benetti (2004), a razão de ser do jornalismo, afinal, é esta, “dar aos fenômenos sociais o estatuto de acontecimento, segundo critérios de notabilidade”, e articular “a percepção de fenômenos e a construção discursiva de acontecimentos” (Benetti, 2004, p. 161).

Desde aí, a questão que se coloca é a interrogante sobre o trabalho de ordenamento do sentido ao qual se dedica o sujeito na relação com o mundo fenomenal. Recapitulando o que Charaudeau (2009) chama de processo evenemencial, considera-se três momentos desta construção: a) há algo que modifica o ‘estado normal’ das coisas; b) há um sujeito que percebe tal mudança; e c) há a significação que este mesmo sujeito confere a esta mudança. Em Louis Quéré (2005), a associação se dá em referência à natureza dual do acontecimento, ora como fato no mundo, ora como fonte de sentidos: enquanto a *primeira vida* diz de uma compreensão da dimensão sensível das ocorrências, nos termos das mudanças que interferem no cotidiano; a segunda toca nas vias de afetação, de indivíduos e coletivos, por consequência dos

acontecimentos - isto é, ao passo que faz falar e se faz sentir, gera narrativas, incluindo as jornalísticas.

Essas, pela própria característica de universalidade dos jornais, conservam, ainda, a tripla relação, conforme Groth (2011), de um *eu* com os outros, com a natureza e com o mundo - na manifesta tarefa de reconhecer as conexões essenciais que permitem a conformação dos sujeitos e de oferecer a eles as percepções que viabilizam a criação dos nexos de suas comunidades (Xavier; Pontes, 2019).

O exercício profissional jornalístico, deste modo, lida com o acontecimento enquanto estratégia de narração do fato social, aqui fazendo referência aos critérios de produção da notícia que, em um primeiro momento, envolvem diretamente o reconhecimento pelos valores-notícia e, em complemento, os procedimentos que formatam sentidos a partir da cultura profissional. Quando se aborda a sistemática noticiosa desde seu estágio inicial, atém-se à ideia de marcação dos fatos por valores que são assumidos como orientadores “não por serem únicos, mas por determinarem categorias singulares de controle dos fluxos que a comunidade identifica como origem de uma possível narrativa” (Sodré, 2009, p. 75).

E em perspectiva histórica apreende-se os contornos que, mesmo antes da imprensa de massas, já configuravam o acontecimento-notícia nos moldes como o conhecemos hoje. Alsina (2005) escreve que, do século XV ao século XIX, o acesso ao acontecer era um privilégio das classes dominantes – “comerciantes e banqueiros europeus que recebiam informações manuscritas sobre o tráfego marítimo, eventos políticos; o tipo de informação que tinha uma função comercial-financeira” (Alsina, 2005, p. 131). Em meados do século XIX, a noticiabilidade continua a se definir pela importância das pessoas as quais concerne e pela preponderância de ocorrências políticas e, ainda que ao final de tal período se tenha dado uma diversidade temática na cobertura, continua a se verificar uma tendência à homogeneidade formal de se reportar o que os espanhóis denominam *sucesos*, e que Shoemaker (2014) estabelece de acordo com dois princípios: desvio e significância social.

Os valores-notícia já foram objeto de estudos diversos⁴, e não faz dos objetivos deste artigo pormenorizá-los aqui. Cabe, isso sim, sublinhar que, a despeito das distintas nomenclaturas, tal constructo cognitivo relaciona-se com as dimensões de anormalidade e de

⁴ Sugere-se a leitura de Silva (2005) para um contato amplo com o vários valores-notícia elencados por diferentes autores.

proeminência dos atores envolvidos. Ao menos duas investigações podem ser tomadas como representativas dessas duas facetas: a tese de Peucer, de 1690, e a tipologia de Galtung e Ruge, de 1965, tida como a primeira sistematização formal sobre critérios de noticiabilidade no âmbito acadêmico. Em Peucer, encontramos o interesse da imprensa pelo insólito, a catástrofe, e o que se passa com as pessoas ilustres. Com Galtung e Ruge⁵ (1965, p.77), temos menção à imprevisão e ao indicativo de que “quanto mais baixo o *status* de uma pessoa, mais desviante a notícia sobre ela deve ser”.

É em um tal sentido que Shoemaker (2014) elege reposicionar essas diferentes variações em uma espécie de macrocategoria do desvio que agrupa acontecimentos de ordem estaticamente irruptivas – pelo incomum ou insólito, associados à violação de leis e normas, a crimes e violências; e de mudança social. Aos aspectos de caráter mais *natura'* das ocorrências, a autora acresce outro macrovalor vinculado a uma concepção de socialização cultural; ligada às significâncias política, econômica e pública dos envolvidos. Nos rastros de uma imprensa que se modernizou para atender às demandas da burguesia, a noção de proeminência opera em conformidade com as relações de poder que atravessam o campo e conecta-se, assim, com a disputa por capital simbólico e legitimidade que os meios buscam junto às outras instituições e público.

De uma configuração jornalística ancorada no escopo do acontecimento, com reconhecimento noticioso articulando-se pelos eixos de desvio e proeminência social, desdobram-se implicações que modelam um certo recorte do espaço público e da compreensão social sobre o seu funcionamento. Um mapa cognitivo que nos legitima certos quadros de referência e de interpretação hegemônicos a partir do qual avaliamos nossa situação coletiva e momento histórico. Não à toa, Benetti (2004) adverte para a noção de silenciamento que, desde a compreensão do jornalismo como acontecimento, mobiliza uma reflexão que nos é fundamental. Inscrito em dinâmica positivista, o acontecimento extrai do fato apenas seus elementos variáveis ou contingentes, e não dedica interesse à complexidade de relações entre fatores e atores que o permeia. Limitada a tratar o social na linha do visível imediato, a prática

⁵ As atualizações de Harcup e O'Neill (2001; 2016), que tratam de *valores-notícia contemporâneos*, alinhados às mídias digitais, tais como magnitude/compartilhamento, exclusividade e audiovisual, reitera que os critérios não podem ser considerados estanques, mas o resultado de uma análise que se atravessa por questões sociais, educacionais, ideológicas, bem como da própria cultura jornalística.

jornalística se torna indiferente ao “invisível que caracteriza os desejos e as esperanças” de que também dele faz parte (Sodré, 2009, p.99).

Se o aparato noticioso engendrado na maquinaria informativa se estabelece por operações seletivas bem acordadas na cultura profissional, é inevitável assumir que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. Os aspectos descartados do acontecimento têm, assim, nossa predileção investigativa. Aqueles que constituem uma face de regularidade sobre a qual a mídia tradicional parece não versar. Ecoando as palavras de Benetti (2004, p. 146), “são fatos clinicamente percebidos como ordinários e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico”. E que Sodré (2009, p. 76) aborda como fatos não-marcados, “que não significam fatos sem importância social, e sim fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística”.

Integrando tais leituras referenciais⁶, nossa postura investigativa trata de aprofundar essa seara a partir da noção de Desacontecimento jornalístico. Pelo escopo do desacontecimento, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, assumindo-o, conceitualmente, como uma estratégia de narração orientada aos fatos não-marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais, centrados naquelas dimensões rasamente percebidas como comuns.

Um primeiro eixo que cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que associa a noticiabilidade do desacontecimento à cotidianidade enquanto repetição que, longe de empobrecer os sentidos, nos orienta a uma ontologia originária. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, o apoio e a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com pouco desgaste de energia. As repetições cotidianas, aqui, não são apenas monotonias; são movimentos adiante, que no compasso do retorno nos abrem o possível futuro, e que na oportunidade do agora nos firmam, cada vez mais intimamente, o lugar das coisas que importam.

A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, deste modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Nesta visada, a

⁶ Por limitação de espaço, toma-se o trabalho de Sodré (2009) para uma abordagem reflexiva mais detida. Menciona-se, no entanto, as contribuições de pesquisadores brasileiros da área, na série de livros sobre *Jornalismo e acontecimento* (Meditsch; Vogel; Silva, 2013; Marocco; Berger; Henn, 2012; Leal; Antunes; Vaz, 2011; Benetti; Fonseca, 2010), e de estudos de França (2017).

vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividade de criação e recriação permanentes, de um querer viver irreprimível cuja força ganha forma por uma criatividade instintiva a que Medina (2014) chama de *sevirol*. Em foco, está uma espécie de capacidade de sobrevivência do ser humano a inventividade, suas *virações* para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro que o espaço-tempo diário.

Por isso, dessas duas acepções-fundantes do olhar para a cotidianidade, enquanto repetição que orienta nosso existir e enquanto criação/recriação de sentidos que nos vitaliza em plano individual e social (Certeau, 1994), podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser. Pela noticiabilidade do cotidiano, o Desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos, sempre densos em sentido, que cada um realiza para permanecer, e se virar, em âmbito íntimo e coletivo.

Enquanto código de produção à revelia, é importante frisar, a noção de Desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não-marcada, mas comporta em sua configuração uma dinâmica complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos. Pelas vias da intersubjetividade, as técnicas de apuração e entrevista que se conformaram por gramáticas funcionalistas podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e diálogo com os contextos e atores sociais reportados. O Desacontecimento tem mais chances de se concretizar em signo da relação terno, que fende as cenas e cenários a vivências partilhadas em atenção e escuta, e que dinamiza a ordem do comum por conjunções da esfera de um “entre” (VENTURA; ABIB, 2021).

Por isso, também, não há como delimitar formas estéticas a sua escritura em termos de estrutura composicional. O desacontecimento rearranja padrões redacionais em razão da assinatura criativa construída pelo jornalista em campo, como experimento narrativo de seus trânsitos junto aos fatos e sujeitos ordinários. Narração e descrição tomam os contornos heterogêneos de um aqui-e-agora, que desafia os profissionais a encontrarem o ritmo das histórias pelo que vivenciam em observação atenta e relação. A costura textual é arremate que resulta de experiência e intuição, na exposição contínua com o protagonismo social.

2 Desacontecimento na cobertura da imprensa paulista contemporânea

Como o desacontecimento tem se manifestado nas produções jornalísticas da atualidade, no que toca aos informativos paulistas de circulação nacional? Sob esta posição de pesquisa em continuidade, compreende-se este estudo como desencadeamento necessário a elucidações mais assertivas sobre a pertinência do desacontecimento ao contexto noticioso contemporâneo. Trata-se da possibilidade de situar tal matriz em escrutínio com a cobertura realizada pela imprensa tradicional, para identificar as técnicas narrativas que respaldam essas boas práticas de jornalismo junto à lógica convencional do *newsmaking*.

Como primeira etapa investigativa pontua-se, assim, o trabalho de mapear, dentre as 3.650 (três mil e seiscentas e cinquenta) edições de jornais consultadas, as peças informativas delineadas sob o contorno do desacontecimento, a saber: a noticiabilidade conferida à cotidianidade dos sujeitos ordinários, por dispositivos de apuração dialógico-compreensivos⁷ e redação⁸ em traço de autoria. Considerando-se a posição epistemológica do desacontecimento no âmbito das teorias do jornalismo, enfoca-se o levantamento exploratório, especialmente, na gramática informativa dos veículos, que apesar das reformulações gráficas e editoriais implementadas com maior vigor a partir da segunda metade do século XX, continua a se respaldar pelos cadernos de Política, Economia, Internacional e Cotidiano, em complemento das editorias de Cultura e Esportes e de edições esporádicas de cadernos especiais.

Abaixo, apresenta-se em gráfico o quantitativo de matérias jornalísticas identificadas sob a configuração do Desacontecimento, ano a ano, que foram levantadas de acordo com a categorização de seu processo produtivo:

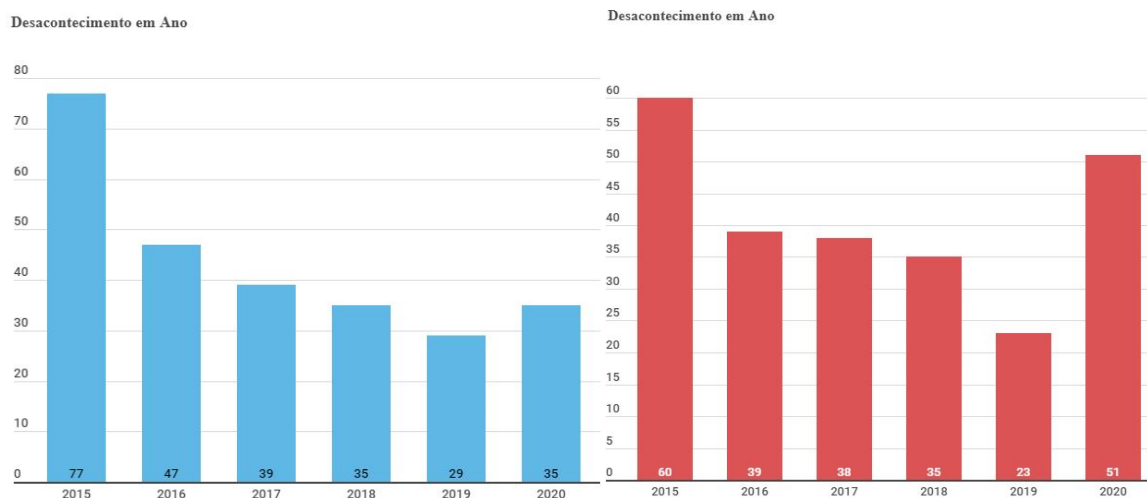
Figura 1 – Mapeamento da presença do Desacontecimento em *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, de 2015 a 2020

⁷ Valor às vozes e aos sentidos dos entrevistados; observação aos detalhes dos ambientes e realidades reportadas; acuidade com os entornos e problemáticas em cena; interesse genuíno pelas histórias em relato; protagonismo às relações e sutilezas tecidas pelos sujeitos e expressas nas falas, silêncios e comportamentos, *etc.*

⁸ Enquanto um processo aberto à mediação e ao trânsito narrativo, desdobra-se no elemento definidor da autoria a fim de inscrever o valor da assinatura criativa do repórter no tecido textual. Enfatiza-se o trabalho jornalístico a articular, especialmente, recursos de descrição e composição dialógica, no empenho cuidadoso para traçar, por movimento de alteridade e de presentificação, um caminho que aproxime o público da saga individual e coletiva.

O Estado de São Paulo

Folha de São Paulo



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Nesta amostragem, *O Estado de S. Paulo* concentra 262 (duzentos e sessenta e dois) relatos com contorno de Desacontecimento, e a *Folha*, 246 (duzentos e quarenta e seis). Em termos de registro mensal, a média de publicação fica em torno de três a quatro matérias, o que revela lacunas nos veículos em relação a estratégias narrativas interessadas em destoar dos tradicionais critérios noticiosos, pela via de aproximação com as histórias de vida e com as camadas de resistência ante às problemáticas coletivas.

Cabe uma menção, desde agora, ao quantitativo mapeado do *Estadão* que, nos anos de 2015 e 2016, registrou alta em razão do caderno *Aliás*, um espaço que tomava por base a fórmula americana de *week in review*, implementada em jornais como *The New York Times* e *Washington Post*, para estender os melhores momentos da semana às edições de fim de semana, em uma espécie de condensado. Na própria expressão que intitula o caderno, o veículo já transmitia a posição editorial de buscar agregar - um outro ângulo ou uma nova perspectiva. Seu escopo informativo, assim, incluía entrevistas, artigos analíticos e uma última página de *feature* - que pode ser entendido como textos produzidos em dimensão mais atemporal e interessados em explorar as potencialidades estéticas do relato, não só formais.

Outros picos e declínios nos índices verificados podem ser compreendidos desde o tensionamento de tal matriz à agenda dos factuais de impacto: nos anos de 2018 e 2019, aponta-

se a conjuntura de eleições presidenciais e suas implicações políticas, econômicas e culturais na cena brasileira, que podem ter refletido na baixa da amostra nos dois jornais; em 2020, nota-se uma elevação que pode estar atrelada ao contexto de pandemia de Covid-19 que, na *Folha de S. Paulo*, contou com relatos orientados à cotidianidade pela seção especial *Aqueles que perdemos*, uma iniciativa que teve início em 05 de abril de 2020 e se alargou até 31 de julho do mesmo ano.

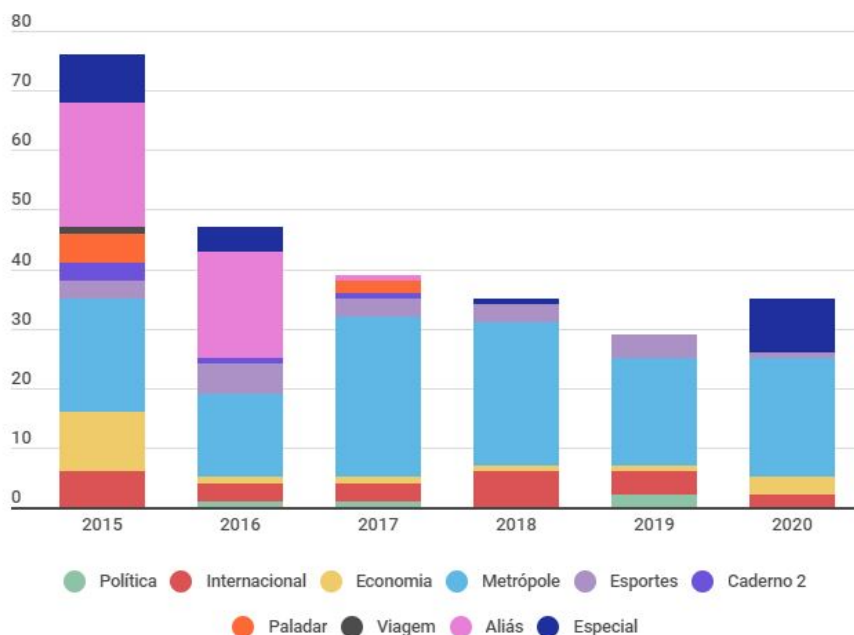
Nela, uma espécie de obituário semanal das vítimas de Covid-19 se apresentava por breves relatos, de contorno biográfico, sobre sujeitos comuns falecidos em decorrência da doença, com fotos e um título-resumo, nos moldes de nome, idade e profissão. O trabalho jornalístico, ainda que às voltas do critério da morte, promovia pontos de inflexão na abordagem pelo direcionamento de pauta à construção simbólica e aos diminutos de resistência nas vidas noticiadas. Os textos, nem sempre assinados, foram produzidos de diferentes localidades do país, e visibilizaram o humano por trás das estatísticas da pandemia, na apuração atenta aos vínculos e afetos estabelecidos por cada um em vida. A cotidianidade do ordinário teve protagonismo nas trajetórias destacadas, em um tipo de memória sensível dos brasileiros em enfrentamento de pandemia.

Noticiabilidade do Desacontecimento: Na sequência deste trabalho investigativo, espera-se evidenciar, a partir do material coletado, reflexões sobre as potencialidades do Desacontecimento nos termos de sua manifestação nas diferentes editorias dos veículos.

Alguns pensamentos, evidentemente, colocam-se de antemão ao desenvolvimento desta etapa: sabe-se, por exemplo, que a matriz, na medida em que investe na cotidianidade do homem ordinário, demanda fôlego narrativo, autoria, enfrentamento de constrangimentos organizacionais, boas práticas jornalísticas - uma dinâmica não tão simples de se engendrar. A expectativa de se mapear contornos de sua noticiabilidade, neste sentido, para além de verificar métricas ou questões de quantidade, deve se interessar em apreender o jogo de suas articulações possíveis: quando se apresenta nas edições consultadas, como o Desacontecimento se revela? Onde se insere, de que modo se organiza, por quais rotas se fortalece?

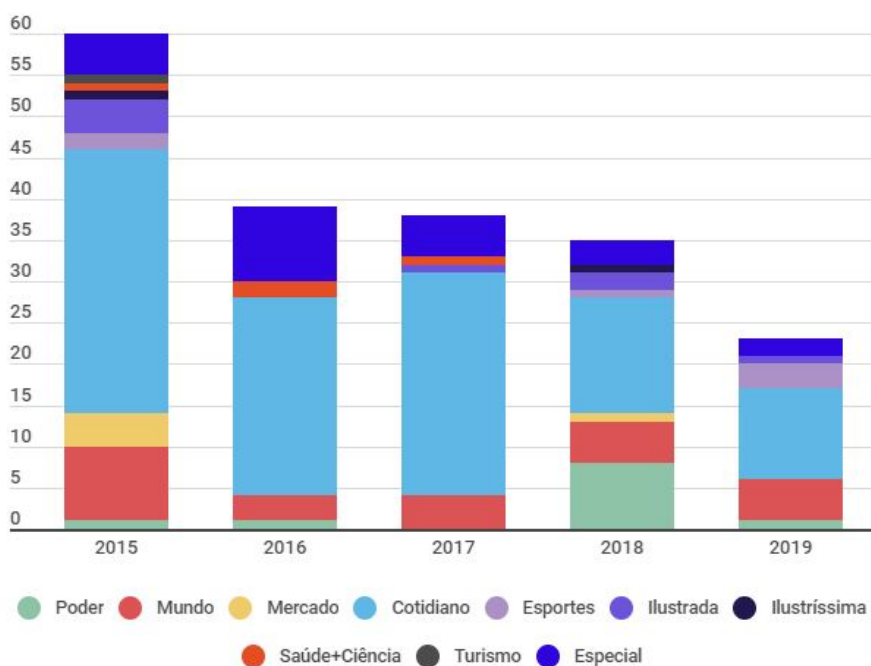
Os gráficos dispostos abaixo, que articulam os dados captados sobre a presença do Desacontecimento à gramática informativa dos jornais, são ponto de partida para análises de inclinação qualitativa, interessadas em balizar sobre o aproveitamento adequado ou subestimado do escopo no tocante às coberturas editoriais.

Figura 2 – Mapeamento da presença do Desacontecimento nas editorias informativas do jornal *O Estado de S. Paulo* no período de 2015 a 2020



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 3 – Mapeamento da presença do Desacontecimento nas editorias informativas do jornal *Folha de S. Paulo* no período de 2015 a 2020



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Em Metrópole/Cotidiano: Vê-se, a partir dos resultados desta seara, que o caderno de Metrópole, no Estadão, e Cotidiano, na Folha, é o que desponta como arena mais alinhada às orientações jornalísticas do Desacontecimento, em conformidade com a hipótese já considerada de que esta seria a editoria mais favorável à matriz.

Trata-se de um caderno com inclinações a noticiar factuais relativos a assuntos de cidades, nas áreas de educação, urbanismo, violência, saúde pública, ambiente, administração pública e comportamento, tal qual descrito pela Folha⁹, e que acaba por abarcar uma variação temática extensa, inevitavelmente permeada por situações desviantes e de quebra com a ordem estabelecida. As brechas buscadas pelo Desacontecimento, no entanto, encontram especial vigor entre as páginas deste tipo de cobertura, na medida em que se atentam às histórias tecidas no dia a dia do comum. Para além de conflitos políticos, choques econômicos e internacionais, que expõem o informativo a possibilidades noticiosas mais engessadas, a editoria de Cotidiano apresenta estrutura conciliatória a arranjos editoriais outros, em razão da amplitude de assuntos que pode abrigar. Personagens anônimos em realidade de resistência, ante a enfrentamentos de

⁹ Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/cotidiano/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

ordem íntima e coletiva, têm noticiabilidade favorecida em espaços abertos a relatos sobre a vida que se desenrola nos bairros da cidade, em diferentes contextos sociais, políticos e culturais.

Entre recortes que dão nota de infrações de trânsito, acidentes domésticos, intempéries climáticas, violências urbanas e outras intercorrências, coexistem matérias delineadas pelo tônus do protagonismo humano no vívido da cotidianidade: projetos sociais tocados por anônimos como ação de não-conformidade e transformação de realidade; iniciativas de vizinhanças para revitalizar moradias; produções simbólicas de comunidades periféricas, indígenas e ribeirinhas; diminutos de rotina enquanto enfrentamento de pessoas em situação de rua e carcerária; migrantes em colaboração e hibridismo com a vida local, mostram-se em relevo nas publicações analisadas.

Em associação ao destaque do caderno de MetrÓpole, chama a atenção, na faixa temporal de 2015 a 2016 do jornal *Estadão*, o segmento *Aliás* que, conforme antecipado, pode ser considerado singular na categorização noticiosa do veículo, visto que criado para tratar de modo mais elaborado os assuntos da semana. O projeto foi pensado, de acordo com Laura Greenhalgh, sua primeira editora em 2004, para gerar “uma massa de informação mais pesada, um material mais analítico e reflexivo¹⁰” (Greenhalgh, 2017, s.p). A premissa consistia em “contar uma história bem contada, escapar do jornalismo meramente factual e ir além” (Greenhalgh, 2017, s.p). Inicialmente com oito páginas, o caderno chegou ao ápice de 12 e reduziu-se a quatro nas edições que antecederam sua descontinuidade, em 2017. Na franja mapeada, então, o *Aliás* já sentia os efeitos de um encolhimento justificado, segundo Greenhalgh (2017), não apenas pela questão financeira, mas empresarial, com queda sentida na amostragem de matérias e também nos aportes narrativos.

Seu sobressalto em relação à editoria de Cotidiano pode ser compreendido pela marcada inclinação de sua cobertura jornalística a pautas distintas da noticiabilidade desviante, com dinâmicas narrativas respaldadas em maior tempo para apuração e tratamento de estilo. Matérias sobre memórias indígenas do Alto do Xingu, forró como cultura da periferia de Pernambuco, a luta negra contra a escravidão no século XXI, a produção musical do interior do Amapá, a literatura criada por pessoas em situação de rua, são exemplos de um trabalho

¹⁰ Disponível em: <https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2016/10/20/alias-a-trajetoria-de-um-dos-cadernos-do-jornal-o-estado-de-s-paulo/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

informativo dedicado a apreender as resistências ordinárias que emanam pelas margens - e que bem se acomodaram em um caderno com fôlego para tal abrangência.

No caso do jornal *Folha de S. Paulo*, evidencia-se, em aproximação dialógica, o protagonismo do Cotidiano no mapeamento da cobertura do Desacontecimento em Editoria; em um cálculo que, ano a ano, projeta o caderno como o responsável por concentrar uma média de mais de 60% dos textos veiculados em traço não-marcado - dado que também se explica pelo fôlego conferido ao caderno pela seção *Minha História*, publicada semanalmente entre 2015 e 2018. A seção alarga o horizonte da narrativa do Desacontecimento na editoria de Cotidiano ao direcionar especial interesse às histórias de anônimos, em diferentes recortes socioculturais: pessoas com deficiência em rota de ressignificação, jovens negros em combate à desigualdade social, religiosos em missão, imigrantes e suas famílias em recomeço, ex-detentos em defesa de justiça social, comunidades indígenas em zelo de tradições, educadores em trabalho de reconstrução de periferias, etc. De diferentes localidades, por cidades do interior de São Paulo às regiões do sul e do nordeste, a iniciativa registra a vida ordinária em cenas, como uma espécie de abertura ao testemunho dos atores sociais reportados. Episódios significativos de suas trajetórias são tecidos em fio cronológico, que combina passagens descritivas a um tom intimista de evocação de memórias.

A editoria de Cotidiano, neste sentido, estreita vias com o escopo do Desacontecimento e se mostra como o território por excelência à sua prática, conforme amostragem analisada. Para além da abordagem característica, que favorece proximidade noticiosa às realidades de bairro e vida urbana, Cotidiano pode acolher iniciativas de quadros ou seções dedicadas a relatos de contorno autoral, como em *Minha História*.

Em Internacional/Mundo: Da pesquisa exploratória, outra apreensão que merece registro é a configuração do caderno Internacional/Mundo. Com 24 (vinte e quatro) títulos no *Estadão* e 32 (trinta e dois), na *Folha*, o levantamento de matérias sinaliza um alcance possível de tal matriz nos cadernos orientados a assuntos externos, especialmente nas temáticas de migração e refúgio, muito atrelado a um intento de abordar a dimensão humana dos conflitos.

Pautas que gravitam factuais de confrontos bélicos e acordos diplomáticos, tradicionalmente em cena nas páginas da editoria, podem dinamizar angulações outras quando atentas às vozes e necessidades dos envolvidos, bem como às complexidades socioculturais que

atravessam os embates. Se, em âmbito hegemônico, o *newsmaking* opera por critérios desviantes, o Desacontecimento escapa no interesse às continuidades e enfrentamentos do plano do comum. A cotidianidade de crianças sírias em campo de refugiados de Harran; os sentidos da espera de famílias turcas nas fronteiras com a Europa; a luta diária de imigrantes contra a realidade de segregação nos países de destino; os desdobramentos psicológicos da guerra nos combatentes; o trabalho humanitário em propósito de ressignificação dos jovens impactados; a empreitada de mulheres na resistência às violações culturais, ilustram o tônus dos fatos não-marcados nas narrativas internacionais.

As possibilidades informativas que se abrem por esta linha dão nota de uma centralidade produtiva fundamentada em tratar contextos, e não rupturas, com sentido compreensivo às realidades históricas e especificidades de vida política dos territórios retratados. O relevo noticioso, não obstante, fica nas histórias de homens e mulheres, enquanto trabalhadores e familiares, que buscam, permanecendo ou em travessia, lidar com o dia a dia de enfrentamento das causas e consequências dos confrontos. O Desacontecimento revela por potência, desde aí, a captura de recortes de sentidos - dos atores sociais com suas raízes e perspectivas adiante.

Pelo teor mesmo de sua cobertura informativa, a distinção de abordagem pelo Desacontecimento manifesta, aqui, especialmente visibilidades de migrações, refugiados e trabalho humanitário. Apreende-se, também no tocante às estratégias narrativas, o recurso de contar da cotidianidade pelo escopo do simbólico que atravessa os trajetos e deslocamentos: migrantes que se sustentam pela arte fora dos seus países; veteranos de guerra que precisam se reinserir nas rotinas de origem; famílias que acolhem estrangeiros em período de adaptação; e outras pautas que, no domínio da tessitura textual, arranjam-se no contorno dos pensamentos, intenções, buscas e sentidos-guia dos indivíduos em relato.

Figura 4 – Desacontecimento no caderno Mundo/ Internacional

FOLHA DE SP PAULO

TERÇA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 2018

munDO



Guerra que corta Ucrânia há quatro anos se mistura à vida de moradores

Em Zaitsew, cindida por trincheiras do Exército e dos separatistas pró-Rússia, tiros não cessam

De acordo, o relato menciona sua história, mas parece não ser a única. Ela parece ser a história de milhares de outros que vivem em situações semelhantes. A guerra que se desenrola há quatro anos na Ucrânia se mistura à vida cotidiana dos moradores de Zaitsew, uma cidade dividida por trincheiras do Exército e dos separatistas pró-Rússia. Os tiros não cessam.



Alina, 36 anos, vive em Zaitsew, uma cidade dividida por trincheiras do Exército e dos separatistas pró-Rússia. Os tiros não cessam.

O ESTADO DE S. PAULO

DOMINGO, 04 DE JANEIRO DE 2015

A13

A VIDA DENTRO DE UM PEQUENO CONTÊINER

FUGA

• Crises deslocam famílias em busca de segurança



Quando um terremoto destrói uma cidade, milhares de pessoas são deslocadas. Quando a guerra se instala, milhares de famílias são obrigadas a abandonar suas casas. É o caso de milhares de famílias que vivem em pequenos contêineres em campos de refugiados.



A espera. Crianças brincam em um campo em Hattayn, maioria das famílias quer voltar para a Síria.

Em campos de refugiados, a vida é dura. As crianças brincam em um campo em Hattayn, maioria das famílias quer voltar para a Síria. A espera é longa e a situação é precária.

Fonte: Folha de S. Paulo, 24 jul. 2018. Fonte: O Estado de S. Paulo, 04 jan. 2015.

Em Economia/Mercado: Em reflexão alinhada, pondera-se sobre o caderno de Economia/Mercado e suas relações possíveis com a cobertura do Desacontecimento, especialmente no que toca ao enfoque sobre as dinâmicas de resistência do homem ordinário pela via das astúcias sutis. Ainda que em menor expressão, com 17 (dezessete) matérias identificadas no *Estadão* e 7, na *Folha*, trata-se de uma editoria com brechas informativas para relatos acerca da cotidianeidade nos desafios econômicos. No mapeamento realizado, temáticas de desigualdade social, fome, desemprego, informalidade, projetos assistenciais e de economia criativa encontraram respaldo para abordagens compreensivas na estratégia dos fatos não-marcados, uma vez que noticiadas pela ótica da vida comum.

A noção da resistência, conforme discussão introdutória, é assumida no estudo do Desacontecimento em perspectiva de dupla significação: enquanto movimento ontológico, mais atrelado à ordem dos sentidos cotidianos íntimos, e enquanto movimento político, atrelado à ordem de uma ética da tenacidade coletiva. Se os cadernos de Cotidiano e Internacional oferecem

maior fôlego a este trânsito semântico, em Economia há uma orientação mais marcada do Desacontecimento por registrar o *sevirol* (Medina, 2014) do povo brasileiro.

O tom de denúncia, assim, frente aos contrastes de distribuição de renda, lacunas de políticas públicas e inações do Estado, coexiste com a captura das virações e rearranjos diários do cidadão, enquanto trabalhador, para permanecer ante às estruturas e adversidades impostas. O setor de serviços, que, inclusive por aspectos culturais, desenvolveu-se como ramo econômico forte no país, mostra-se predominante na pauta dos desacontecimentos e concentra abordagens sobre informalidade e plataformização do trabalho, destacadamente em 2020, quando a pandemia trouxe à tona uma intensificação de sua demanda pelo desemprego e medidas de isolamento social.

Nesta linha, pontua-se como o Desacontecimento não se configura, unicamente, pelo contorno da história de vida, como que em regência à parte das questões políticas, econômicas e culturais que constituem o real social, mas se abastece desses elementos mesmo para enquadrar os desafios contemporâneos em perspectivas outras.

Figura 5 – Desacontecimento no caderno Economia/ Mercado

O BRASIL QUE SE VIRA
Com avanço do desemprego, trabalho informal volta a ganhar adeptos no País

Desesperança faz trabalhador desistir de procurar emprego
Falta de estudos e pouco dinheiro para custear busca por alternativas entre os fatores que levam ao desalento

Muitos se desesperam por não conseguirem encontrar emprego

O BRASIL DA FURTOREVIDA: BUBALIN

País	Desemprego	Trabalho informal
Brasil	12,8%	47,4%
Estados Unidos	3,7%	12,8%
China	5,2%	12,8%
Índia	5,2%	12,8%
Países Baixos	4,0%	12,8%

Fonte: O Estado de S. Paulo, 6 set. 2015. Fonte: Folha de S. Paulo, 16 set. 2018.

Em Caderno 2/Ilustrada: A lacuna mais evidente, no entanto, no debate sobre os dados do Desacontecimento em mapeamento por editoria, fica por conta de Cultura, no *Estadão* nomeado de Caderno 2, e na *Folha*, de Ilustrada. Há uma quebra de expectativa acentuada com relação às possibilidades de narrativas a contrapelo neste campo e os resultados coletados. A editoria comporta, de modo mais autêntico, registros sobre a inventividade cotidiana de personagens de distintos círculos artísticos: peças textuais sobre gêneros culturais consagrados podem se mesclar a relatos sobre projetos emergentes em uma cobertura que justamente vai se favorecer pelo contorno autoral e de descoberta noticiosa.

Se a proeminência social se mostra como critério preponderante a atravessar cadernos como Política e Economia, de Cultura espera-se margem para visibilizar arte popular, urbana, de rua e independente, inclusive com fins de reconhecimento de seu valor simbólico. A produção cultural que se adensa em bairros e periferias das cidades, por partituras e gestos de enfrentamento, bem se acomoda como pauta aderente ao Desacontecimento, pelo desvelo à criação de sentidos que se opera dia a dia nos circuitos alternativos. O levantamento de dados junto à imprensa paulista revela, no entanto, um baixo aproveitamento narrativo da estratégia de fatos não-marcados na tessitura dos temas culturais: no *Estadão*, apenas cinco registros, enquanto na *Folha*, 10. O samba como voz da malandragem, a composição musical em estúdios gratuitos da periferia, o som do jazz pelas ruas de São Paulo, as exposições artísticas negras, a tradição de contação de histórias, o rap na etnia guarani, a literatura das favelas cariocas, entre outros, figuram nas páginas desses cadernos, que também se destacam pela experiência estética de suas imagens, mas que poderiam ter sido trabalhadas de forma mais extensiva pela imprensa analisada.

Há que se indicar, em associação a esses comentários, uma espécie de consonância informativa entre a perspectiva de conteúdo de Cultura e a abordagem contemplada em cadernos específicos como o Aliás, do *Estadão*, e a Ilustríssima, da *Folha*. Em razão do investimento editorial de tempo e material que caracteriza coberturas especiais, tem-se abertura, nesses títulos, para produções em proximidade e de fôlego junto a populações e regiões diversas do Brasil, a exemplo do que já se apontou como parte da noticiabilidade do Aliás, de

tom voltado às dimensões de simbólico e criativo dos projetos tocados à margem. A Ilustríssima, enquanto caderno que acompanha arte, ciência e humanidades, também aparece como vitrine possível ao cardápio temático, mas ainda com baixo aproveitamento de narrativas ao revés, na trilha do interesse noticioso do Desacontecimento.

Em conjunto, assim, editorialmente falando, identifica-se como nicho em potencial a cobertura de Cultura, que converge com o caderno de Cotidiano pela ênfase no protagonismo anônimo das resistências, e propõe outras angulações informativas, pela via da arte, compatíveis com a pauta do Desacontecimento.

Figura 6 – Desacontecimento no caderno Caderno 2/Ilustrada



Fonte: O Estado de S. Paulo, 1 mar. 2017. Fonte: Folha de S. Paulo, 4 out. 2017.

Em Esportes: A inclinação ao Desacontecimento se ambienta, aqui, especialmente, nas brechas de histórias de vida e da resistência de projetos sociais, em correspondência ao esperado de uma editoria marcadamente atenta a critérios de novidade e notoriedade - resultados de partidas e campeonatos esportivos, performance de atletas, conflitos de gestão e clubes, entre

outros. As fendas narrativas se mostram em relatos sobre memórias, sonhos, esperanças, abandono, superação, desigualdades e reinvenções daqueles envolvidos com práticas esportivas. O lance dos afetos tem predileção informativa em um caderno de tal configuração temática em vista da atmosfera de expectativas e emoções que perfaz o cotidiano de seus atores sociais.

O eixo cultural se firma, também, como chave noticiosa propícia para desvelar sentidos, para além de dados, no que toca à abordagem da realidade de esportes, em grandes centros ou comunidades periféricas. Quando se assume, na linha das reflexões de Barthes (2009), que o esporte exprime as “forças, conflitos, alegorias e angústias do homem” (Barthes, 2009, p. 105), faz-se da cobertura esportiva uma lente possível para se ler o sistema social, em seus enfrentamentos e virações. A amostragem de 19 (dezenove) matérias mapeadas em contorno de Desacontecimento no *Estadão*, e de 8 na *Folha*, denota um diálogo ainda tímido entre a matriz e a abordagem, porém viabilizado por rotas de escape eficientes para a articulação de informação à contramão - o protagonismo ordinário, os contrastes culturais e sociais que emanam de práticas esportivas.

Cabe, inclusive, comentar sua inscrição como âmbito possível a versar sobre as visibilidades de pessoas com deficiência, por matérias sobre os desafios da inclusão, de comunidades periféricas e identidades do ser negro e do ser mulher - sempre pela via da cotidianidade e dos constructos ordinários. Se, por um lado, o interesse ao protagonismo humano versa, inevitavelmente, sobre as conquistas e percalços que perfazem uma trajetória; por outro, a ênfase aos efeitos de clímax e anticlímax pode reduzir os enfrentamentos cotidianos dos atores sociais a um esquema simplista de ganhos e perdas. A articulação do Desacontecimento, aí, tem valor justamente pela orientação à dimensão de resistência e fabrico de sentidos dos personagens ordinários.

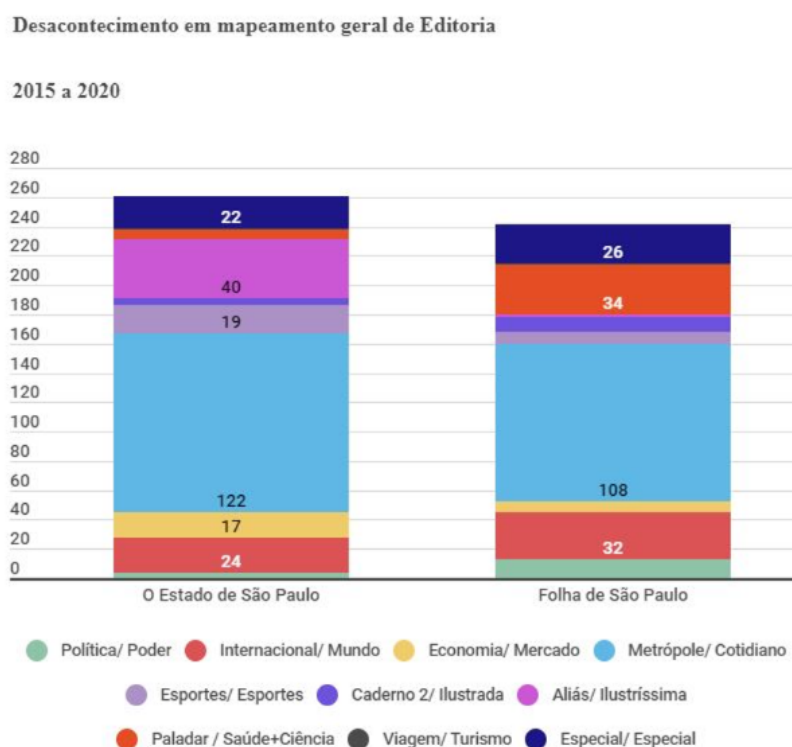
Considerações finais

No que toca à presença do Desacontecimento, portanto, em uma analítica atenta a sua articulação em editorias, evidencia-se a potencialidade do caderno de Cotidiano enquanto território temático afim a pautas de resistência dos anônimos, bem como de iniciativas e projetos

autorais criados em fração de espaço-tempo delimitada para exercícios narrativos distintos, especialmente por histórias de vida. Em editorias de temas culturais, observa-se um limitado aproveitamento da matriz na cobertura de arte e produção simbólica no plano do comum, com lacunas que se aplacam, nos veículos mapeados, por uma espécie de suplemento informativo semanal - *Aliás*, no *Estado*, e *Ilustríssima*, na *Folha de S. Paulo*. De igual modo, cadernos mais tradicionais como os de Política e Economia apresentam tendência à noticiabilidade desviante, que poderia ser provocada pelas brechas do Desacontecimento na abordagem de protagonismo popular e rotinas cidadãs.

O gráfico abaixo sintetiza, por visualização de dados, as considerações interpretativas acerca da discussão sobre o alcance do Desacontecimento e suas potencialidades e lacunas produtivas na ordem do planejamento editorial dos jornais mapeados.

Figura 6 – Desacontecimento em mapeamento geral de Editoria



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Embora a editoria de Política/Poder mereça ressalvas, sabe-se, de antemão, o histórico de cobertura de agenda que permeia suas publicações, na esteira dos factuais de impacto que se

configuram por critérios desviantes. A categoria de proeminência social, ademais, é realçada em assuntos de poder, pela atenção midiática ao exercício político das figuras oficiais em termos de interesse público. Eleições, votações, conflitos parlamentares, negociações políticas, casos de corrupção, são percebidos tradicionalmente nas manchetes dos veículos, vez ou outra fendidas por registros sobre manifestações e resistências populares. Vale, no entanto, sublinhar o flagrante de uma espécie de dinâmica a subverter a marcação de fatos de agenda em Desacontecimento: em 2018, a alta na amostragem de Poder, na *Folha de S. Paulo*, explica-se pela iniciativa de produção de reportagens em proximidade com os eleitores, para escuta dos motivos a subsidiar suas escolhas de candidato a presidente da República. Em meio a um contexto de intensa polarização política e ataques à democracia, a estratégia narrativa do jornal, ao se apropriar de um tema de agenda, foi a de ressignificá-lo com abertura ao diálogo, por uma visada compreensiva que espera apresentar razões e sentidos do público para o público, qualificando o debate.

De março a outubro de 2018, a *Folha* veiculou matérias mensais, de uma a uma página e meia, para tratar sobre *O que pensam os eleitores de* - Jair Bolsonaro, Lula, Marina Silva, Ciro Gomes, ninguém, os brasileiros pró-Temer, os que rejeitam Bolsonaro ou Haddad, e os em dúvida entre Bolsonaro, Haddad ou nulo. A empreitada jornalística dá mostras de um desenho editorial que confere fôlego aos factuais datados, em um tipo de virada noticiosa do acontecimento ao desacontecimento. Destaca-se as potencialidades de uma tal matriz à cobertura de assuntos de poder, por um despoje de cena dos cidadãos, como atores sociais e políticos, no tratamento de questões coletivas: como os brasileiros interpretam, por exemplo, projetos de governo assistencialistas?; como exercem participação para além do período eleitoral?; como se articulam as vozes políticas dos que vivem à margem?; quais são as reivindicações das distintas gerações votantes?.

Ao passo que se identifica lacunas na abordagem informativa de política, com amostragens que chegam ao nulo em alguns anos, nos dois periódicos, reflete-se sobre caminhos possíveis para uma noticiabilidade não-marcada de temas da seara - no relevo à dimensão da cotidianidade como resistência, assumida por viração de pauta, ou de brechas desveladas em mediação autoral, por assuntos outros. A dureza da cobertura do caderno parece limitar, a princípio, a viabilidade de manifestação do Desacontecimento na tratativa de política, mas boas

práticas jornalísticas vigoram justamente nesses entremeios editoriais. A autoria ganha em substância quando tem chance de imprimir novos tons a dinâmicas convencionais.

Referências

ACERVO Folha. São Paulo. Folha de S. Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

ACERVO Folha. Cotidiano. Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/cotidiano/>. Acesso em: 14 abril 2024..

ACERVO Estadão. São Paulo. O Estado de S. Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 2005.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). 2009, São Paulo. *Anais Eletrônicos*. São Paulo: USP, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESQUIROL, Josep Maria. *El respirar de los días*. Barcelona: Paidós, 2009.

FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*, São Paulo, n. 3, v. 11, p. 71-87, set./dez. 2017.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*, v.2, n.1, pp.64-91, 1965.

GREENHALH, Laura. Aliás: a trajetória de um dos cadernos do jornal O Estado de S. Paulo. Publicação 20 out. 2016. Disponível em: <https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2016/10/20/alias-a-trajetoria-de-um-dos-cadernos-do-jornal-o-estado-de-s-paulo/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

GROTH, O. *O poder cultural desconhecido*. Fundamentos da ciência dos jornais. Tradução Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.

HARCUP; O'NEILL, Deirdre. What Is News? Galtung and Ruge revisited. *Journalism Studies*, v.2, n.2, 2001.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What Is News? Galtung and Ruge revisited (again). *Journalism Studies*, março, 2016.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos*. Florianópolis: Insular, 2011. v. 2.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis: Insular, 2012. v. 3.

MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus, 2014.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. da S. (org.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. v. 1, p. 43-61.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

SHOEMAKER, Pamela. Prefácio. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. (Orgs.). *Critérios de noticiabilidade - problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

SHOEMAKER, Pamela.; REESE, Stephen. *Mediating the Message: theories of influences on mass media content*. Longman Publishers, 1996.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.). *Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VENTURA, M. de S.; ABIB, T. A. Aproximações à noção de desacontecimento jornalístico a partir da reflexão sobre cotidianidade. *Revista Eco-Pós*, 24(2), 651-671, 2021.

VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais*. Florianópolis: Insular, 2013. v. 4.

XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. *Intercom*. São Paulo, v. 42, n. 2, 2019.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo 2000*. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

Tayane Aidar Abib – Universidade Estadual Paulista – Unesp

Jornalista. Mestre e Doutora pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Desenvolveu pós-doutorado na Universidade Metodista de São Paulo.

E-mail: tayaneaabib@gmail.com